

HOMILIA DO PAPA BENTO XVI  
POR OCASIÃO DO ENCERRAMENTO  
DA SEMANA DE ORAÇÃO  
PELA UNIDADE DOS CRISTÃOS  
Basílica de São Paulo fora dos Muros  
Quarta-feira, 25 de Janeiro de 2006

Queridos irmãos e irmãs!

Neste dia, no qual se celebra a conversão do Apóstolo Paulo, concluímos, reunidos em fraterna assembleia litúrgica, a anual Semana de oração pela unidade dos cristãos. É significativo que a memória da conversão do Apóstolo das Nações coincida com o último dia desta importante Semana, na qual com particular intensidade pedimos a Deus o dom precioso da unidade entre todos os cristãos, fazendo nossa a invocação que o próprio Jesus elevou ao Pai pelos seus discípulos: "para que todos sejam um só. Como tu, Pai, estás em Mim e Eu em Ti, para que assim eles estejam em Nós e o mundo creia que Tu me enviaste" (Jo 17, 21). A aspiração de cada Comunidade cristã e de cada fiel à unidade e a força para a realizar são um dom do Espírito Santo e caminham juntas com uma fidelidade ao Evangelho cada vez mais profunda e radical (cf. Enc. *Ut unum sint*, 15). Damo-nos conta de que na base do compromisso ecuménico está a conversão do coração, como afirma claramente o Concílio Vaticano II: "Não há verdadeiro ecumenismo sem conversão interior. É que os anseios de unidade nascem e amadurecem a partir da renovação da mente, da abnegação de si mesmo e da libérrima efusão da caridade" (Decr. *Unitatis redintegratio*, 7).

Deus caritas est (1 Jo 4, 8.16), Deus é amor. Sobre esta sólida rocha apoia-se a inteira fé da Igreja. Em particular, baseia-se nela a paciente busca da plena comunhão entre todos os discípulos de Cristo: ao fixar o olhar nesta verdade, ápice da divina revelação, as divisões, embora mantendo a sua dolorosa gravidade, parecem superáveis e não nos desencorajam. O Senhor Jesus, que com o sangue da sua Paixão abateu o "muro da separação" da "inimizade" (Ef 2, 14), não deixará de conceder a quantos o invocam com fé a força para cicatrizar todas as dilacerações. Contudo, é preciso partir sempre deste ponto: Deus caritas est. Quis dedicar a minha primeira *Encíclica* ao tema do amor, a qual foi publicada precisamente hoje e esta feliz coincidência com a conclusão da Semana de oração pela unidade dos cristãos convida-nos a considerar este nosso encontro, mas também muito mais adiante, todo o caminho ecuménico na luz do amor de Deus, do Amor que é Deus. Se já sob o perfil humano o amor se manifesta como uma força invencível, o que devemos dizer nós que "conhecemos o amor que Deus nos tem, pois cremos nele" (1 Jo 4, 16)? O verdadeiro amor não anula as legítimas diferenças, mas harmoniza-as numa unidade superior, que não é imposta do exterior, mas que do interior dá forma, por assim dizer, ao conjunto. É o mistério da comunhão, que assim como une o homem e a mulher naquela comunidade de amor e de vida que é o matrimónio, assim forma a Igreja qual comunidade de amor, compondo em unidade uma multiforme riqueza de dons, de tradições. A Igreja de Roma está ao serviço desta unidade de amor que, segundo a expressão de Santo Inácio de Antioquia, "preside à caridade" (Ad Rom 1, 1). Diante de vós, queridos irmãos e irmãs, desejo hoje renovar a entrega a Deus do meu peculiar ministério petrino, invocando sobre ele a luz e a força do Espírito Santo, a fim de que favoreça cada vez mais a fraterna comunhão entre todos os cristãos.

O tema do amor liga em profundidade as duas breves leituras bíblicas da hodierna liturgia vespertina. Na primeira, a caridade divina é a força que transforma a vida de Saulo de Tarso e faz dele o Apóstolo das Nações. Ao escrever aos cristãos de Corinto, São Paulo confessa que a graça de Deus operou nele o acontecimento extraordinário da conversão: "Pela graça de Deus, sou o que sou e a graça que me foi concedida, não foi estéril" (1 Cor 15, 10). Por um lado, sente que foi um obstáculo à difusão da mensagem de Cristo, mas ao mesmo tempo vive na alegria de ter encontrado o Senhor ressuscitado e de ter sido iluminado e transformado pela sua luz. Ele conserva uma constante memória daquele acontecimento que mudou a sua existência, acontecimento tão importante para a Igreja inteira que nos

Actos dos Apóstolos a ele se faz referência três vezes (cf. Act 9, 3-9; 22, 6-11; 26, 12-18). No caminho de Damasco, Saulo ouviu a inquietante pergunta: "Porque me persegues?". Caindo ao chão e perturbado interiormente, perguntou: "Quem és Tu, Senhor?", obtendo aquela resposta que está na base da sua conversão: "Eu sou Jesus, a quem tu persegues" (Act 9, 4-5). Paulo compreendeu num instante o que teria expressado depois nos seus escritos, que a Igreja forma um corpo único, do qual Cristo é a Cabeça. Assim de perseguidor dos cristãos tornou-se o Apóstolo das Nações. No trecho evangélico de Mateus, que ouvimos há pouco, o amor age como princípio que une os cristãos e faz com que a sua oração unânime seja ouvida pelo Pai celeste. Jesus diz: "Se dois de entre vós se unirem, na Terra, para pedir qualquer coisa, não-de obtê-la de meu Pai que está no céu" (Mt 18, 19). O verbo que o evangelista usa para "se unirem" é *synphonesosin*: há a referência a uma "sinfonia" dos corações. É isto que atrai o coração de Deus. Por conseguinte, a sintonia na oração manifesta-se importante para as finalidades do seu acolhimento por parte do Pai celeste. Pedir juntos já assinala um passo rumo à unidade entre os que pedem. Isto certamente não significa que a resposta de Deus seja de qualquer forma determinada pelo nosso pedido. Sabemo-lo bem: a desejada consecução da unidade depende em primeiro lugar da vontade de Deus, cujo desígnio e generosidade superam a compreensão do homem e as suas expectativas pedidas e aguardadas. Contando precisamente com a bondade divina, intensificamos a nossa oração comum pela unidade, que é um meio necessário e eficaz como nunca, como recordou João Paulo II na Encíclica *Ut unum sint*. "No caminho ecuménico para a unidade, a primazia pertence, sem dúvida, à oração comum, à união orante daqueles que se consagram à volta do próprio Cristo" (n. 22).

Analisando depois mais profundamente estes versículos evangélicos, compreendemos melhor a razão pela qual o pai responderá positivamente ao pedido da comunidade crista: "Pois diz Jesus onde dois ou três estiverem reunidos em Meu nome, Eu estou no meio deles". É a presença de Cristo que torna eficaz a oração comum de quantos estão reunidos no seu nome. Quando os cristãos se congregam para rezar, o próprio Jesus está no meio deles. Eles são um com Aquele que é o único mediador entre Deus e os homens. A Constituição sobre a Sagrada Liturgia do Concílio Vaticano II refere-se precisamente a este trecho do Evangelho para indicar uma das formas da presença de Cristo: "está presente, enfim, quando a Igreja reza e canta, Ele que prometeu: "Onde estiverem dois ou tres reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles" (Mt 18, 20" (*Sacrosanctum concilium*, 7). Ao comentar este texto do evangelista Mateus, São João Crisóstomo interroga-se: "Pois bem, não existem dois ou três que se reúnem no seu nome?"

Existem responde ele mas raramente" (Homilias sobre o Evangelho de Mateus, 60, 3). Esta tarde, sinto uma alegria imensa por ver uma assembleia tão numerosa em oração, que implora de maneira "sinfónica" o dom da unidade. Dirijo a todos e a cada um a minha cordial saudação. Saúdo com afecto particular os irmãos das outras Igrejas e Comunidades eclesiais desta Cidade, unidos no único baptismo, que nos torna membros do único Corpo místico de Cristo. Acabaram de transcorrer 40 anos desde quando, precisamente nesta Basílica, a 5 de Dezembro de 1965, o Servo de Deus Paulo VI, de feliz memória, celebrou a primeira oração comum, na conclusão do Concílio Vaticano II, com a solene presença dos Padres conciliares e com a participação activa dos Observadores das outras Igrejas e Comunidades eclesiais. Em seguida, o amado João Paulo II prosseguiu com perseverança a tradição de concluir aqui a Semana de oração. Tenho a certeza de que esta tarde os dois olham para nós do Céu e se unem à nossa oração.

Entre os que participam desta nossa assembleia desejaria saudar e agradecer de modo especial o grupo dos delegados de Igrejas, de Conferencias Episcopais, de Comunidades cristas e de órgãos ecuménicos que iniciam a preparação da Terceira Assembleia Ecuménica Europeia, programada para Sebiu, na Roménia, em Setembro de 2007, sobre o tema: "A luz de Cristo a todos ilumina. Esperança de renovação e unidade na Europa". Sim, queridos irmãos e irmãs, nós cristãos temos a tarefa de ser, na Europa e entre todos os povos, "luz do mundo" (Mt 5, 14). Queira Deus conceder que alcancemos depressa a

desejada plena comunhão. A recomposição da nossa unidade dará maior eficiência à evangelização. A unidade é a nossa missão comum; é a condição para que a luz de Cristo se difunda mais eficazmente em todas as partes do mundo e os homens se convertam e sejam salvos. Quanto caminho temos à nossa frente! Mas não percamos a confiança, aliás retomemos o caminho juntos com mais entusiasmo. Cristo precede-nos e acompanha-nos. Nós prosseguimos atrás da sua presença indefectível; d'Ele imploramos humilde e incansavelmente o precioso dom da unidade e da paz.